

Dislexia no Ensino Superior: contributos do Serviço de Apoio ao Estudante e do Centro de Recursos para a Inclusão Digital do Instituto Politécnico de Leiria

Sandra Alves, Luís André Filipe, Ana Patrícia Pereira,

(Psicólogos do SAPE)

Graça Maria Seco

(Coordenadora do SAPE)

& Célia Sousa

(Coordenadora do CRID)

Abstract

Student Support Service (SSS) verified that there has been a growing demand for both evaluation and intervention in Dyslexia in Higher Education students. Trying to contribute to an inclusive Higher Education that, at the same time, can offer the same opportunities for all students, SSS has been promoting activities with the purpose to minimize the impact of Dyslexia on students academic performance and self-esteem and offer/develop support strategies to cope with the anxiety levels associated with the situation. The software WORDREAD is used as an additional tool in the field of the problem that is being analyzed.

Key-Words (max. 3): Dyslexia; Higher Education; Software “WordRead”.

Resumo

Tendo o Serviço de Apoio ao Estudante (SAPE) verificado uma crescente procura de apoio para avaliação e intervenção em casos de Dislexia em estudantes que frequentam o Ensino Superior e para que este seja inclusivo e promotor de uma igualdade de oportunidades para todos os estudantes, o SAPE tem vindo a desenvolver actividades na área, com o intuito de contribuir para uma minimização do impacto da Dislexia no rendimento académico e auto-

conceito dos estudantes e disponibilizar/desenvolver estratégias de suporte para lidar com os níveis de ansiedade associados à problemática em questão.

Palavras-Chave (max. 3): Dislexia; Ensino Superior; Software "WordRead".

Introdução

O Serviço de Apoio ao Estudante (SAPE) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) é uma unidade funcional, criada em 2008, na sequência do projecto "Trajectos com sucesso no IPL", financiado pelo POCI e dinamizado entre Abril de 2007 e Julho de 2008. Este serviço desenvolve as suas actividades nos 4 *campi* do IPL, em 3 eixos principais: apoio psicopedagógico, orientação e acompanhamento pessoal e social e apoio psicológico e orientação vocacional.

No âmbito do apoio psicológico, são variados os motivos que conduzem os estudantes a procurar o SAPE, verificando-se uma crescente procura não só para despiste e avaliação de Dislexia, mas também de estudantes que tendo beneficiado anteriormente de medidas do regime educativo especial nos ensinos básico e secundário, sentem necessidade de continuar a desenvolver as estratégias de intervenção então iniciadas. Alguns destes estudantes têm vindo a ser encaminhados por docentes, face às dificuldades que apresentam nomeadamente ao nível da expressão escrita.

Nos últimos anos, o Ensino Superior (ES) tem assistido a uma diversificação do seu público que chega com backgrounds distintos apresentando por isso necessidades e dificuldades de integração mais diversificadas. Uma das realidades que assume particular importância neste contexto prende-se com a existência de necessidades educativas especiais (NEE) no Ensino Superior (ES). Considerando a importância de garantir que a nenhum estudante seja negada a oportunidade de aproveitar todos os benefícios do ES (Jamieson & Morgan, 2008) e procurando contribuir para que este seja inclusivo e promotor de uma igualdade de oportunidades para todos os estudantes, o SAPE tem vindo a desenvolver actividades de avaliação e intervenção na área. Esta intervenção tem como objectivo contribuir para uma minimização do impacto da Dislexia no rendimento académico e auto-conceito dos estudantes, desenvolvendo estratégias de suporte para lidar com os níveis de ansiedade associados à problemática em questão.

De forma a maximizar as sinergias entre os Serviços existentes no IPL, o SAPE articulou com o Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID), projecto proposto e coordenado pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS- IPL), a disponibilização do software denominado "WordRead" utilizado como uma das ferramentas de apoio na intervenção com estudantes disléxicos.

Conscientes que não existe consenso entre os vários autores em domínios como a etiologia e sintomatologia da problemática e ainda a nível interventivo (Pereira, 1990, Pereira, 1995, Ridell & Weedon, 2006), pretendemos, com o presente artigo, clarificar o

conceito de Dislexia, apresentar algumas especificidades relacionadas com os estudantes disléxicos que frequentam o ES em Portugal, para terminarmos as estratégias de avaliação e intervenção que o SAPE tem vindo a implementar para acompanhar um crescente número de estudantes que procuram o Serviço em busca de apoio nesta área.

I. Dislexia (s) no Ensino Superior

A multiplicidade de concepções teóricas, bem como a diversidade etiológica dificulta-nos a apresentação de uma delimitação clara e consensual.

De acordo com a Associação Internacional de Dislexia (2002):

A Dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem de base neurológica. É caracterizada pelas dificuldades no correcto e/ou fluente reconhecimento de palavras e pelas pobres capacidades de descodificação e problemas na ortografia. Estas dificuldades resultam tipicamente de um défice no componente fonológico da linguagem que é frequentemente inesperado em relação a outras competências cognitivas e ambiente escolar favorável. Consequências secundárias podem incluir problemas na compreensão da leitura e reduzida experiência de leitura que impedem o enriquecimento vocabular e o enriquecimento do conhecimento.

A Federação Mundial de Neurologia define a Dislexia como "uma desordem manifestada pela dificuldade de aprender a ler apesar de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidades sócio-culturais" (Critchley, 1975, citado por Richardson & Wydell, 2003). Mais recentemente, e de acordo com Galaburda (Richardson & Wydell, 2003) é geralmente aceite que a Dislexia seja perspectivada como uma condição neurológica complexa, ainda que se registre alguma falta de consenso sobre os défices funcionais subjacentes a esta condição. No âmbito da definição do constructo em análise, alguns autores verificaram que o termo Dislexia "tem sido muitas vezes evitado em virtude do risco de desigualdade de distribuição dos limitados recursos públicos" (Reason *et. al.* 1999, citado por Richardson & Wydell, 2003, p.476). Consequentemente, em muitos países, educadores e profissionais têm preferido falar em "dificuldades específicas de aprendizagem" (*op.cit.*).

Se no ensino básico e secundário são os problemas ortográficos dos disléxicos os indicadores de alerta para a intervenção (Pereira, 1990), no ES a sinalização e identificação dos casos dependerá essencialmente dos relatos dos próprios estudantes (McGuire *et. al.*, 1996; National Working Party on Dyslexia in Higher Education, 1999, citados por Richardson & Wydell, 2003). Esta especificidade poderá levar-nos a pensar que muito provavelmente desconhecemos o verdadeiro impacto da Dislexia no ES, uma vez que ainda existem variados mitos relativamente à sinalização e intervenção em alunos com NEE neste nível de ensino. A este respeito, e seguindo a realidade de outros sistemas educativos, reconhecemos a importância do movimento da escola inclusiva também no ES, no sentido de permitir percursos diferenciados, potenciando, desta forma, o sucesso académico e bem-estar pessoal e social. A título de exemplo, referimos a realidade do Reino Unido na qual se tem operado uma mudança nos últimos 40 anos de um ES que "passou de um sistema relativamente elitista para um sistema educativo inclusivo, passando a englobar cerca de 50% de jovens" (Richardson & Wydell, 2003, p. 476).

Neste âmbito, importa referir o Relatório do *National Working Party on Dyslexia in Higher Education* (NWPDHE), datado de 1999, que pretendeu aprofundar o impacto da Dislexia em adultos que frequentam o ES. Para além de apresentar sugestões de melhoria nas políticas, no suporte e nas práticas neste nível de ensino, o referido

documento também revelou dados sobre o atendimento prestado a estudantes com Dislexia. Das 234 instituições analisadas pelo NWPDHE verificou-se que a prevalência de Dislexia era de 1,35% (cerca de 23 mil estudantes) e que 43% destes estudantes apenas foram identificados como disléxicos apenas após o ingresso no ES (Richardson & Wydell, 2003).

A prevalência de Dislexia é, normalmente, cinco vezes superior em indivíduos do sexo masculino quando comparados com o sexo feminino (Halpern, 1992; National Working Party, 1999, citados por Richardson & Wydell, 2003). Contudo, no ES, não se regista esta tendência de forma tão acentuada. De acordo com a hipótese levantada pelo “Working Party”, as mulheres com Dislexia apresentam uma maior probabilidade de entrar no ES comparativamente com o sexo oposto (Richardson & Wydell, 2003). Considerando os resultados obtidos na mesma investigação, os estudantes com Dislexia escolheriam mais provavelmente cursos em áreas como agricultura, artes e design, engenharias, arquitetura, ciências físicas, biológicas e sociais e ciências informáticas, comparativamente com estudantes sem dificuldades neste domínio que optariam mais por cursos como medicina veterinária, medicina ou outros cursos relacionados, línguas e literatura, direito e educação.

Em Portugal, a investigação nesta área começa a dar os primeiros passos, existindo um levantamento de dados a nível nacional, desenvolvido pelo Grupo de Trabalho de Apoio ao Estudante Deficiente no Ensino Superior (GTAEDDES), o qual nos permite verificar que existem 816 estudantes com NEE no ES, sendo que 73 são disléxicos. Destes, 24% escolheram um curso na área das Tecnologias; 19% na área da Arquitectura, Artes Plásticas e Design; 19% cursos relacionados com o Direito, as Ciências Sociais e Serviços; 17% relacionados com a Economia, a Gestão e Contabilidade; 9% na área das Ciências e apenas 3% optaram por cursos relacionados com a Saúde (Pires, 2009).

Apesar da dificuldade em aceitar e/ou declarar o diagnóstico de Dislexia por parte dos estudantes do ES, até ao momento, encontram-se em acompanhamento pelo SAPE oito estudantes que, por iniciativa própria ou após encaminhamento de docentes, procuraram o Serviço por revelarem dificuldades ao nível da leitura e da escrita. Alguns destes estudantes procuraram a avaliação na tentativa de compreensão das suas dificuldades, outros procuraram o serviço para continuarem a desenvolver as estratégias de intervenção já iniciadas no seu percurso escolar anterior. Acreditamos que exista um maior número de casos, não só no âmbito de todas as escolas do IPL, como sobretudo a nível nacional, alertando-nos assim para a necessidade de reflectirmos sobre a avaliação e intervenção em estudantes com NEE no ES, especificamente no domínio da Dislexia.

II Desafios e Mudanças para um estudante disléxico no Ensino Superior

Verifica-se que apesar das dificuldades na leitura e ortografia poderem ser compensadas em vários níveis, as dificuldades residuais de adultos disléxicos, incluem, tipicamente, uma reduzida velocidade de leitura, uma soletração fonética e pobreza na ortografia. Paralelamente, os “efeitos secundários” como a reduzida auto-confiança,

baixa auto-estima e elevados níveis de frustração poderão influenciar negativamente o desempenho escolar (Riddick, *et. al.*, 1997, citados por Hatcher, Snowling & Griffiths., 2002). Na maioria das vezes, isso efectivamente acontece, apesar de cognitivamente não existirem diferenças entre os estudantes com e sem Dislexia.

Para além dos estudantes com Dislexia não conseguirem ler e escrever da mesma forma que os seus colegas sem esta NEE, também sentem maiores dificuldades na aquisição de competências de estudo. Relativamente a esta dimensão, e de acordo com Hatcher, Snowling & Griffiths (2002), o impacto da Dislexia varia de acordo com as Unidades Curriculares, registando-se também uma grande variabilidade de respostas utilizadas pelos estudantes sendo que alguns conseguem implementar estratégias de *coping*, usando inclusivamente excelentes estratégias de estudo e outros estudantes revelam mais dificuldades neste domínio.

De todos os aspectos mencionados, há um que assume uma relevância particular no ES: a expressão escrita. De acordo com a experiência do SAPE, os estudantes têm solicitado apoio no sentido de estruturar e organizar o discurso escrito, permitindo desta forma demonstrar os conhecimentos adquiridos. Este apoio tem sido prestado individualmente, procurando-se, paralelamente, delinear estratégias que permitam reduzir os elevados níveis de ansiedade que com frequência se encontram associados.

Em relação a este último aspecto, no estudo de Carroll e Iles (2006) verificou-se que os estudantes disléxicos experienciam maiores níveis de ansiedade e sentimentos de incompetência académica e escrita do que os grupos de controlo. Efectivamente, os estudantes do ES identificam sentimentos negativos devido ao ambiente competitivo e à necessidade de elevadas competências de literacia. Em comparação com os pares, os alunos disléxicos necessitam de mais tempo e esforço adicional devido às dificuldades na leitura e expressão escrita, acrescidas dos novos desafios e mudanças que a frequência do ES implica, apresentando maiores níveis de ansiedade-traço comparativamente com estudantes não disléxicos, quer em situações académicas, quer em situações sociais. De salientar que os estudantes disléxicos demonstraram maiores níveis de ansiedade-estado perante situações em que as competências de leitura estavam a ser avaliadas.

No estudo supra citado as diferenças de género apresentadas revelaram que as estudantes disléxicas teriam mais necessidade de dialogar sobre as suas experiências e preocupações. Regista-se também alguma evidência de que as raparigas disléxicas estariam mais sujeitas a sintomas relacionados com a ansiedade do que os estudantes disléxicos (Carroll & Iles, 2006). Esta tendência parece verificar-se também no nosso Serviço, uma vez que dos oito estudantes em acompanhamento, seis são do sexo feminino, o que pode reflectir a sua maior preocupação com a resolução deste problema.

Daqui decorrem implicações práticas de grande relevância, nomeadamente a necessidade de aprofundar o desenvolvimento de estratégias de *coping* e de *locus* de controlo, perspectivadas enquanto factores protectores. A intervenção a este nível poderá revelar-se de extrema complexidade, principalmente quando estas questões acompanham os estudantes desde a primeira infância.

Neste âmbito, gostaríamos de salientar que será essencial uma avaliação do bem-estar do estudante, assim como das suas necessidades, para se poder analisar os benefícios do apoio a disponibilizar. Desta forma, verificamos que se justifica o aconselhamento a estudantes disléxicos, que tem sido prestado pelo SAPE, no sentido de potenciar estratégias para lidar com os elevados níveis de ansiedade associados, tal como se encontra referenciado na literatura (Carroll & Iles, 2006).

Quer a nível nacional, quer internacional têm também sido implementadas várias estratégias inovadoras, procurando desenvolver e melhorar o desempenho dos estudantes disléxicos. Em Portugal, existem dados sobre uma plataforma de *e-learning* para estudantes disléxicos que frequentam os ensinos básico e secundário, desenvolvida na Escola Secundária Frei Heitor Pinto, na Covilhã (Rocha, Pereira & Pereira 2009). Noutros países, existem já dados sobre o recurso a grupos de suporte, que permitem apoiar os estudantes com Dislexia, no sentido de os ajudar a lidar com o stress relacionado com a entrada no ES. Para já, e de acordo com French & Herrington (2008) sabe-se apenas que estes grupos funcionam como uma oportunidade para conhecer colegas disléxicos, como um espaço de partilha de dificuldades e de experiências do ponto de vista da inclusão e ainda de desenvolvimento do conhecimento sobre Dislexia.

Este tipo de projectos e “experiências” ajuda-nos a compreender que, cada vez mais, para as instituições de ensino superior, é fundamental encarar os estudantes disléxicos como pessoas que estão a aprender sobre a sua própria problemática devendo ser encorajadas a fazê-lo. Estes estudantes têm ainda que lutar contra os preconceitos de que “não são inteligentes” ou “são preguiçosos”, experienciando a tarefa acrescida de desenvolverem uma integração num contexto educacional que (ainda) não está preparado para dar resposta às referidas NEE (Zambo, 2004 citado por French & Herrington, 2008).

Na verdade, se compararmos a simples leitura de palavras de um estudante do ES disléxico com a de um colega não disléxico, provavelmente não encontraremos diferenças significativas nas competências de leitura. “Estes estudantes podem ter compensado ou desenvolvido estratégias para contornar as dificuldades que sentiram desde cedo na vida” (McLoughlin, Fitzgibbon & Young, 1994; McLoughlin, 1997, citados por Simmons & Singleton, 2000, pp. 178-179). No ES “as características mais salientes serão: a dificuldade em tirar apontamentos, escrever trabalhos, fazer revisões para momentos de avaliação ou compreender grandes quantidades de texto complexo” (Gilroy & Miles, 1996; Riddock *et.al.*, 1997; Singleton, 1999, Simmons & Singleton, 2000, p.179). Estas dificuldades levam-nos a reflectir sobre dois aspectos que nos parecem importantes: por um lado a necessidade de trabalhar especificamente estas competências; por outro a necessidade de ter em conta estas características aquando do procedimento de avaliação.

Ainda a este respeito, Jamieson & Morgan (2008) referem que, muitas vezes, os agentes educativos sentem dificuldade em saber como apoiar as dificuldades destes estudantes, cuja problemática nem sempre é bem compreendida. No trabalho de Singleton (1995, 1996) e Beech & Singleton (1997) foram referidas as preocupações relativamente aos diferentes métodos e critérios de avaliação usados no ES para identificar estudantes disléxicos. Na verdade, a avaliação reveste-se de grande importância dada a necessidade da sua consistência e objectividade, uma vez que

condicionará as decisões futuras no âmbito do apoio a disponibilizar (Simmons & Singleton, 2000).

III Avaliação e Intervenção na Dislexia em estudantes no Ensino Superior

Face ao crescente número de estudantes com Dislexia no ES, tem aumentado também a preocupação com a variabilidade de critérios utilizados e dos instrumentos de avaliação utilizados para identificação dos estudantes com esta problemática (Ridell & Weedon, 2006).

Em relação a este domínio, é interessante como os estudantes que procuram o SAPE apresentam uma reacção, também descrita na literatura, pensando que uma avaliação da Dislexia constitui um processo rápido, o que de facto não se verifica. Na realidade, ficam frequentemente surpreendidos com o tempo de duração dos procedimentos de avaliação, os quais procuramos que sejam o mais completo possível, ainda que não existam instrumentos de avaliação de Dislexia em adultos, devidamente validados e aferidos para a população portuguesa. Neste âmbito, o Relatório “Assessment of Dyslexia, Dyspraxia, Dyscalculia and Attention Deficit Disorder (ADD) in Higher Education - SpLD Working Group 2005/DfES Guidelines” elaborado e publicado em 2005 (disponível em www.patoss-dyslexia.org/) pretende ser um guia para a avaliação destas dificuldades nos estudantes do ES e, também, uma manifestação sobre o que é considerado um critério aceitável para quem avalia. Este documento esclarece critérios de diagnóstico, bem como os testes que deverão ser utilizados por profissionais altamente qualificados.

A este respeito e porque a avaliação é altamente consumidora de tempo, já começam a existir instituições do ES que recorrem a algumas formas de despiste (*screening*) para identificar quem deve ser alvo de avaliação. Pode ter a forma de entrevista estruturada ou uma breve avaliação por computador. São vários os exemplos de instrumentos de despiste, dos quais destacamos o Questionário História de Leitura (QHL), adaptado para a população portuguesa por Alves & Castro (2004).

Uma vez realizada a avaliação importa implementar as estratégias delineadas, devendo ter-se em conta que quando a dislexia é diagnosticada em indivíduos já depois da segunda década de vida ou ainda mais tarde, uma resposta emocional comum pode ser o alívio acompanhado de zanga com os pais, antigos professores e/ou o sistema escolar. De qualquer modo o rótulo “Dislexia” requer algum tempo e apropriação do conhecimento, a compreensão e aceitação do diagnóstico (Jamieson & Morgan, 2008).

Relativamente às modalidades de intervenção, as mais eficazes e frequentemente adoptadas encontram-se centradas, de um modo geral, no treino de competências linguísticas, não só ao nível da descodificação (para os níveis iniciais de escolaridade) mas, também ao nível da compreensão (numa fase escolar mais avançada). No entanto, em alguns casos, o treino de competências psicomotoras e visoperceptivas também poderá ser útil.

Habitualmente, distinguem-se três categorias as quais devem, sempre que possível, funcionar de modo articulado: os programas individualizados, as estratégias de

suporte e aconselhamento e o ensino assistido. Relativamente aos programas individualizados, (Sanson, 2002) considera que as técnicas devem incluir: (1) um ensino multisensorial; (2) repetição; (3) elogio quando os estudantes são bem sucedidos e evitando colocá-los em situações nas quais se sabe de antemão que estão votados ao fracasso e (4) utilização de computadores como forma de superação da habitual dificuldade em produzir textos, podendo o potencial das tecnologias de informação ser explorado de forma a melhorar o rendimento dos alunos disléxicos.

Por este motivo, no SAPE, procurámos implementar um conjunto de exercícios delineados num programa individualizado de base predominantemente fonética estruturado após análise “funcional” da leitura. Este programa recorre a técnicas de treino fonológico como, por exemplo, a identificação, discriminação e transposição de fonemas e a segmentação silábica, procurando a resolução de um conjunto de exercícios que implicam a repetição com vista à automatização.

Neste “Programa” são também enfatizadas as questões relacionadas com a vertente compreensiva, sendo utilizado o método PLEMA (Pré-Leitura, Leitura, Esquematização; Memorização e Avaliação) (Serafini, 1991) e com a implementação de estratégias de estudo adequadas ao perfil de aprendizagem.

Reiterando Jamieson & Morgan (2008), com o avanço das Tecnologias e Informação e Comunicação (TIC) regista-se um aumento e uma melhoria de software e hardware de grande valor e potencial para os disléxicos.

Por exemplo, programas de leitura de ecrã podem ser usados para melhorar as competências de leitura, acompanhado da possibilidade dos estudantes ouvirem o que escreveram. Como esta é uma estratégia multi-sensorial envolvendo a visão e audição simultânea do texto, poderá ser uma mais valia para a identificação e correcção de erros.

Há diversos programas informáticos desenhados especificamente para estudantes disléxicos (para mais informações <http://www.techdis.ac.uk/> e <http://www.dyslexic.com/>). A este respeito não só é importante conhecer a complexidade dos sistemas, software e hardware, mas também a diversidade das competências humanas bem como as suas preferências de aprendizagem para cada situação (Jamieson & Morgan, 2008, Smythe, 2005).

IV O recurso a programas de leitura de ecrã no contexto da dislexia

A utilização de software adequado às necessidades desta população pode, sem dúvida, minorar bastante as suas dificuldades na produção de documentos escritos. Neste contexto enquadram-se diferentes softwares que têm como denominador comum a utilização de um sintetizador de voz que permite a leitura dos textos. Este tipo de programas promove a autonomia, permitindo a auto correcção do texto produzido.

O uso deste tipo de Software permite que estes jovens efectuem autonomamente a correcção dos seus textos após a leitura dos mesmos, evitando assim a exposição ao erro junto dos seus pares, o que contribui positivamente para a sua autoconfiança. É neste contexto que surge a utilização do software “WordRead” disponível no Centro de Recursos para Inclusão Digital (CRID) do IPL. O WordRead é um programa que utiliza a síntese de voz para transformar um texto em fala, sendo um programa de leitura de ecrã. Os textos podem ser lidos em tempo real ou guardados em formato de som, para poderem serem ouvidos posteriormente.

Este programa pode ser utilizado para verificar a integridade de qualquer documento Microsoft Word, lendo "em voz alta" um documento acabado de criar ou um documento já existente. Inclui um sintetizador em Português europeu, de elevada qualidade (voz RealSpeak Madalena). O WordRead lê também qualquer texto proveniente de muitos outros processadores de texto, programas de correio electrónico, alguns ficheiros PDF e programas de navegação na Internet. Pode ser utilizado como ferramenta de apoio à aprendizagem da leitura e escrita, ou como tecnologia de apoio à interacção entre pessoas com dificuldade em comunicar através de voz.

Tem sido instalado nos computadores pessoais dos estudantes com dislexia do IPL, contribuindo para uma reforço da sua auto-confiança e sentimento de competência.

Para além deste apoio com recurso às TIC, o SAPE tem direccionado a sua intervenção para as estratégias de suporte e aconselhamento. Preconizamos uma correcta devolução da informação, com um envolvimento dos diversos intervenientes (estudantes e docentes), de forma a que se adoptem atitudes mais esclarecidas e não se gerem dúvidas, receios, ansiedades ou expectativas mal geridas, sobretudo para quem se depara com um diagnóstico de Dislexia após a entrada no Ensino Superior.

Estas estratégias concretizam-se, então, em recomendações que os professores podem adoptar em sala de aula, as quais facilitarão a aprendizagem e sucesso escolar dos estudantes disléxicos. Para tal, há que ter em conta uma visão holística do estudante, atendendo ao seu perfil cognitivo, estilo e ritmo de aprendizagem. Só assim se poderão identificar correctamente as suas necessidades e intervir em consonância (Reid, 1998).

Como estratégias complementares das medidas anteriores, destacamos a importância de “fomentar” o gosto pela leitura e pela escrita, promovendo bons hábitos de leitura, desenvolvendo a leitura compreensiva, incentivando o uso do dicionário e procurando melhorar os períodos de atenção, bem como desenvolver a leitura compreensiva.

O facto de aliarmos as TIC às estratégias de intervenção a nível emocional prende-se com o objectivo principal de promover a independência do estudante. Smythe (2005) refere que os estudantes disléxicos poderão ganhar confiança e determinação na realização de tarefas que seriam assustadoras sem uma assistência tecnológica adequada. De qualquer modo, parece importante haver mais investigação relacionada com as várias necessidades individuais dos estudantes disléxicos a este nível.

Relativamente à eficácia da intervenção, na globalidade, a literatura refere que os resultados são díspares. Contudo é possível afirmar que o treino intensivo e estruturado, combinação de diferentes métodos e uma duração temporal alargada da intervenção, são alguns factores que poderão contribuir para a sua maximização (Hatcher Snowling & Griffiths, 2002, Jamieson & Morgan, 2008, Reid, 1998, Richardson & Wydell, 2003).

Conclusão e implicações para o futuro

Não se registando uma posição convergente quanto à etiologia, sintomatologia ou tipo de reeducação a efectuar no âmbito da dislexia, importa então, segundo Pereira (1995), salientar a necessidade de uma análise multivariada e contextual, baseada numa visão multidisciplinar.

Embora a atenção prestada a estudantes disléxicos tenha aumentado na última década (Gilroy *et al*, 1996, citados por Hatcher, Snowling & Griffiths, 2002), sente-se uma necessidade crescente de desenvolver conhecimento sobre a dislexia e as diferentes formas como afecta os estudantes.

Em termos de implicações para o futuro, parece-nos fundamental a aplicação de um instrumento que permita o despiste de eventuais quadros de Dislexia, contribuindo assim para conhecer melhor a realidade dos estudantes que frequentam o IPL, bem como a definição de um protocolo de avaliação adequado à população em questão. Parece-nos pertinente também desenvolver um guia orientador para estudantes e docentes sobre como lidar com a Dislexia no ES, ponderando-se a possibilidade de criação um grupo de apoio. Também será necessário aprofundar a avaliação da eficácia da utilização das TIC/ *e-learning* na intervenção com estudantes com Dislexia no ES.

Seguindo as orientações da *Association of Dyslexia Specialists in Higher Education* (ADHSE) (2002) é fundamental que todos os estudantes tenham acesso às mesmas medidas de apoio independentemente da instituição frequentada, promovendo-se assim a igualdade de oportunidades.

Em síntese, e de acordo com Richardson & Wydell (2003), a Dislexia poderá ter consequências na progressão, realização e conclusão do ensino superior, mas não é incompatível com um elevado nível de sucesso, desde que suportada por uma intervenção ajustada a este diagnóstico e ao perfil de cada estudante.

Referências Bibliográficas

Alves, Rui, Castro, São (2004) Despistagem da dislexia em adultos através do Questionário História de Leitura. *2 Congresso Hispano-Portugues de Psicologia*. Lisboa, IberPsicología.

- Association of Dyslexia Specialists in Higher Education. (2002). [Em linha]. Disponível em <http://www.adshe.org.uk/> [Consultado em 13/04/2009]
- Carroll, Julia,Iles, Jane.(2006).An assessment of anxiety levels in dyslexic students in higher education. In: *British Journal of Educational Psychology*, 76, 651-662.
- French, Jenny,Herrington, Margaret.(2008).Theorising dyslexic student discussion/action groups in UK higher education: research in practice. In: *Educational Action Research*, 16, 517-530.
- Hatcher, Janet, Snowling, Margaret,Griffiths, Yvonne.(2002).Cognitive assessment of dyslexic students in higher education. In: *British Journal of Educational Psychology*, 72, 119-133.
- Jamieson, Claire,Morgan, Ellen.(2008).*Managing Dyslexia at University*. Oxon, Routledge.
- Pereira, Marcelino (1990) Contributo para um Estudo Psico-Sociolinguístico da Dislexia-Disortografia. *Dissertação de Mestrado*. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Pereira, Marcelino.(1995).*Dislexia-Disortografia numa perspectiva psico-sociolinguística*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pires, Lília (2009) Levantamento Nacional dos apoios aos estudantes com deficiências no ensino superior. IN GTAEDES (Ed. *I Seminário GTAEDES "Contributos para uma Universidade Inclusiva"* realizado no dia 22 de Janeiro de 2009 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Reid, G.(1998).*Dyslexia: a practitioner's handbook*. New York, Wiley.
- Richardson, John,Wydell, Taeko.(2003).The representation and attainment of students with dyslexia in UK higher education. In:*Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal*, 16, 475-503.
- Ridell, Sheila,Weedon, Elisabet.(2006).What counts as a reasonable adjustment? Dyslexic students and the concept of fair assessment. In: *International Studies in Sociology of Education*, 16, 57-73.
- Rocha, Anabela, Pereira, Edgar,Pereira, Elisabete (2009) An e-learning platform for dyslexia. In *Proceedings of International Technology, Education and Development Conference (INTED2009)*: ISBN 978-84-612-7578-6.Valencia, Espanha [disponível em CD-ROM].
- Sanson, Judith (Ed.) (2002) *Choque Linguístico - A dislexia nas Várias Culturas*, Bruxelas, Dyslexia International - Tools and Technologies.
- Serafini, M. T.(1991).*Saber Estudar e Aprender*. Lisboa, Editorial Presença.
- Simmons, Fiona,Singleton, Chris.(2000).The Reading Comprehension Abilities of Dyslexic Students in Higher Education. In: *Dyslexia*, 6, 178-192.
- Smythe, Ian. [Em linha]. Provision and Use of Information Technology with Dyslexic Students in University in Europe. Disponível em <http://www.welshdyslexia.info/minerva/book.pdf> [Consultado em 13-04-2009].

SpLD Working Group. (2005). Assessment of Dyslexia, Dyspraxia, Dyscalculia and Attention Deficit Disorder (ADD) in Higher Education. Disponível em www.patoss-dyslexia.org/. [Consultado em 13/04/2009].